

ALEGAÇÕES FINAIS SOBRE CANDIDATURAS AO ENSINO SUPERIOR

“Há escolas [de Engenharia] de qualidade em dificuldades”

PEDRO SOUSA TAVARES

A área das Engenharias representa nove dos dez cursos com mais vagas por preencher na 2.ª fase de acesso ao ensino superior público. Que ilações retira dos resultados?

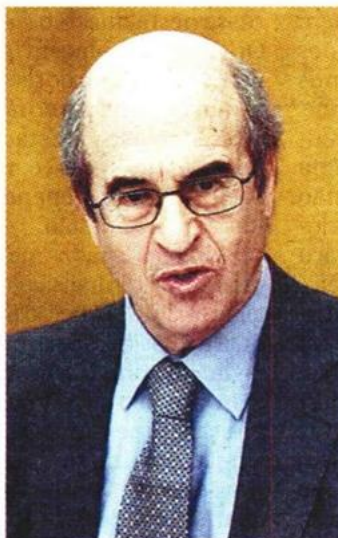
É difícil explicar tudo o que levou a isso num curto espaço de tempo. Além da natureza da situação socioeconómica, que tem reduzido o número de alunos a entrar no ensino superior – se bem me recordo anda pelos 57% o número de alunos do secundário que se candidataram ao superior, o que é bastante baixo –, há um conceito muito errado, que está a ganhar força, de que “não vale a pena” tirar um curso superior. Basta ler os relatórios da OCDE para perceber que isso não é verdade, mas há essa impressão, nomeadamente em relação às Engenharias: as pessoas pensam que será um curso muito exigente, muito trabalhoso, e acreditam que não terão o retorno.

E terão esse retorno se tirarem o curso?

Não tenho dúvidas. Um estudante de Engenharia que tenha obtido o seu diploma numa escola boa tem um passaporte para executar tarefas que não têm sequer de passar pela engenharia. A preparação da Engenharia dá uma capacidade de encarar eventuais oscilações de mercado e passar de uma situação profissional para outra. O conhecimento geral que se adquire é muito importante. Se a pessoa não o tem, não pode adaptar-se à evolução da sociedade.

Referiu “numa escola boa”. Queria dizer que há também más escolas, que estão a ser penalizadas na procura dos estudantes?

Não queria fazer juízos desse tipo. O que digo



CARLOS RAMOS

Bastonário da
Ordem dos Engenheiros

“

A engenharia é um mundo: desde a hidráulica, aos transportes, ao ordenamento do território. É muito mais vasta [do que a construção civil] e fundamental para o nosso país”

é que é fácil de perceber, dadas as candidaturas, quais foram as escolas mais atraentes para determinados cursos. Mas em alguns casos é injusto. Há escolas de muita qualidade, bem cotadas nos rankings internacionais, que estão a sentir dificuldades.

Por exemplo, a Universidade de Coimbra foi muito penalizada na Engenharia Civil...

A Universidade de Coimbra, mas também o Minho, Aveiro... Esta última está muito avançada nas telecomunicações. É uma boa universidade. O Minho é pioneiro em várias áreas de conhecimento, está ligado ao o Centro [Ibérico] de Nanotecnologia. Está articulado com a indústria têxtil. E constatamos que há escolas que, pela sua localização geográfica, foram penalizadas; boas escolas, com bons corpos docentes. Dizem que há um problema de empregabilidade. Não! A empregabilidade é muito superior à da Arquitetura. São modas, informações erradas de que “não vale a pena”. E são áreas trabalhosas: exigem Matemáticas e Físicas e, logo à partida, há poucos alunos no País nessas áreas.

Os alunos fogem dessas áreas?

Fogem como o Diabo da cruz! E há qualquer coisa que se está a passar no nosso país quando temos médias de 7,5 a Física no 12.º ano.

O “fantasma” da crise na construção civil também pesa nas escolhas dos estudantes?

Associam a Engenharia Civil apenas à construção, mas é um erro crasso. Se calhar, nós engenheiros, não tivemos capacidade de mostrar à sociedade que a engenharia é um mundo: desde a hidráulica, aos transportes, ao ordenamento do território... é muito mais vasta. E fundamental para o nosso país.

(Ver noticiário na pág. 21)